

# Mundo em quatro quadras: andanças e maternagem

## World in four blocks: journeys and mothering

**Alline Alves Nakamura**<sup>1</sup>

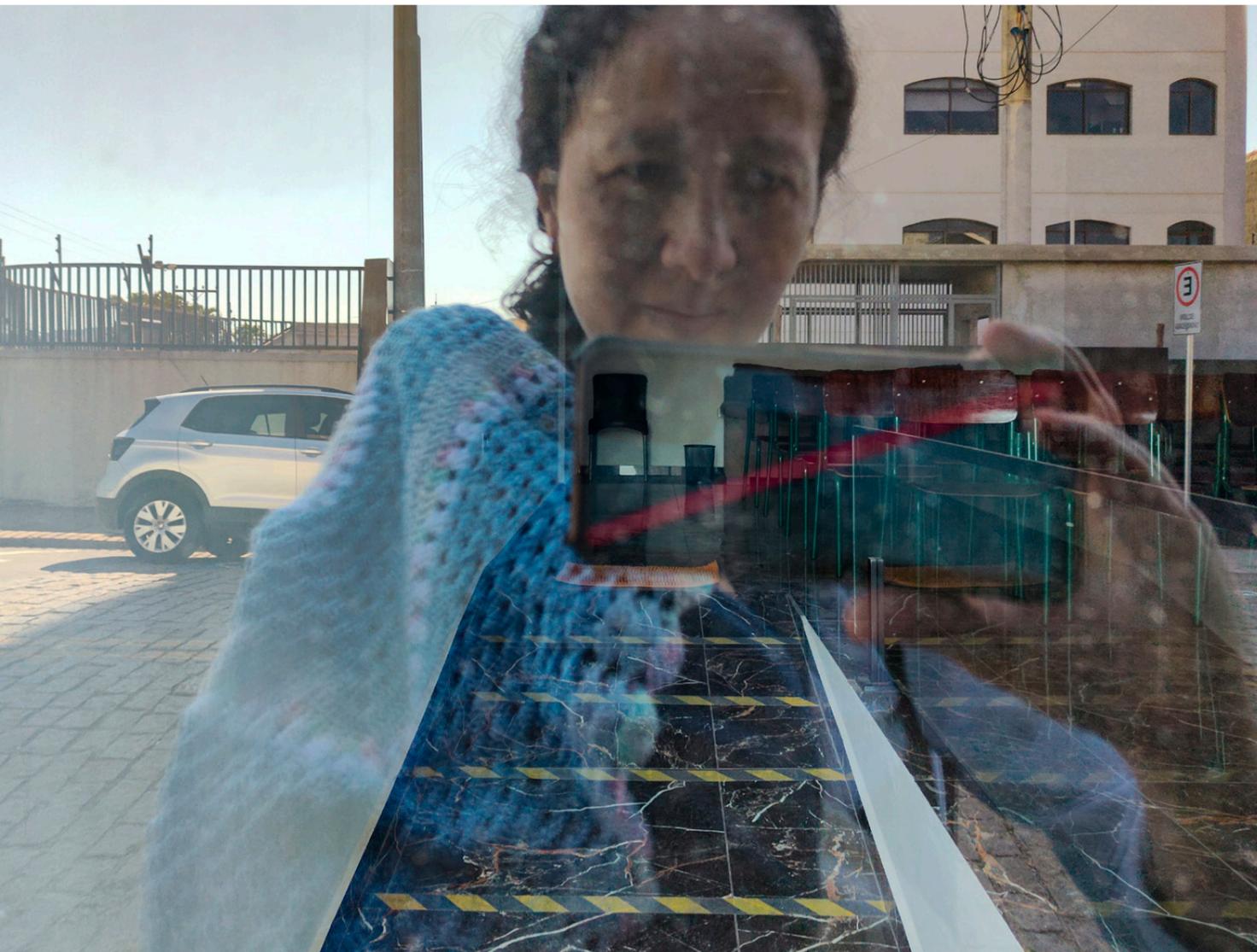
<https://orcid.org/0009-0007-0250-0964>

<http://lattes.cnpq.br/9442228913129662>

[allinenakamura@gmail.com](mailto:allinenakamura@gmail.com)

---

1 - Artista visual e Doutoranda em Artes pela Universidade de São Paulo.



**Resumo:** Este ensaio é composto por fotografias e anotações de uma mãe que caminha acompanhada por sua filha de apenas cinco meses de vida. São imagens e textos feitos no celular, muitas vezes com Clarice em seus braços, por jornadas pelas ruas de Atibaia, cidade do interior paulista, onde elas moram.

**Palavras-chave:** maternagem, maternidade, fotografia, caminhada, paisagem

**Abstract:** *This essay comprises photographs and notes from a mother walking with her daughter, who is only five months old. The images and texts, often created with Clarice in her arms, were made via cell phone during journeys through the streets of Atibaia, a city in the countryside of São Paulo state where they live.*

**Keywords:** *mothering, motherhood, photography, strolling, landscape*

Casas foram derrubadas. Outras maiores foram construídas. Meu bairro passou por diversas alterações, desejáveis de serem registradas. Fotografadas. Lembradas. Acompanhava o movimento pelo vidro do carro, como passageira...

Agora, ao invés da câmera, carrego Clarice.

---

A minha casa é um mundo. O percurso entre quartos, banheiro, quintal, cozinha e sala é perseverantemente recorrente: com sono, às vezes com frio ou com calor, porque minhas vestes nem sempre estarão de acordo com a temperatura a tempo de planejar uma troca de roupa porque preciso amamentar. Ou trocar uma fralda. O leite escorre pelo corpo e pinga no chão.

---

Um de meus grandes desafios foi aprender a descer e subir as escadas com a Clarice.

Pela primeira vez, prestava atenção ao pisar de um degrau e a outro. Ao desnivelar o corpo para assentar o meu peso e o de minha filha no firmar de meus pés em cada passo.

---

Fim de tarde fria com sol.

Feliz por bater perna, mesmo que seja para logo ali.

No meu bairro, está uma calma. O silêncio dos dias de feriado é uma benção. Faço minha miniprocissão. Comigo mesma. Caminhar como autorreflexão é oração em movimento.

---

Tento, junto com Beto, — o pai e companheiro de muitas caminhadas na gravidez e na vida — mostrar para nossa filha as plantas, o céu com ou sem nuvens, os azulejos antigos de uma casa ou as pedras decorativas de uma superfície desenhada. Colocamos sua mãozinha em uma destas pedras. Nosso ritmo tem sido mais lento.

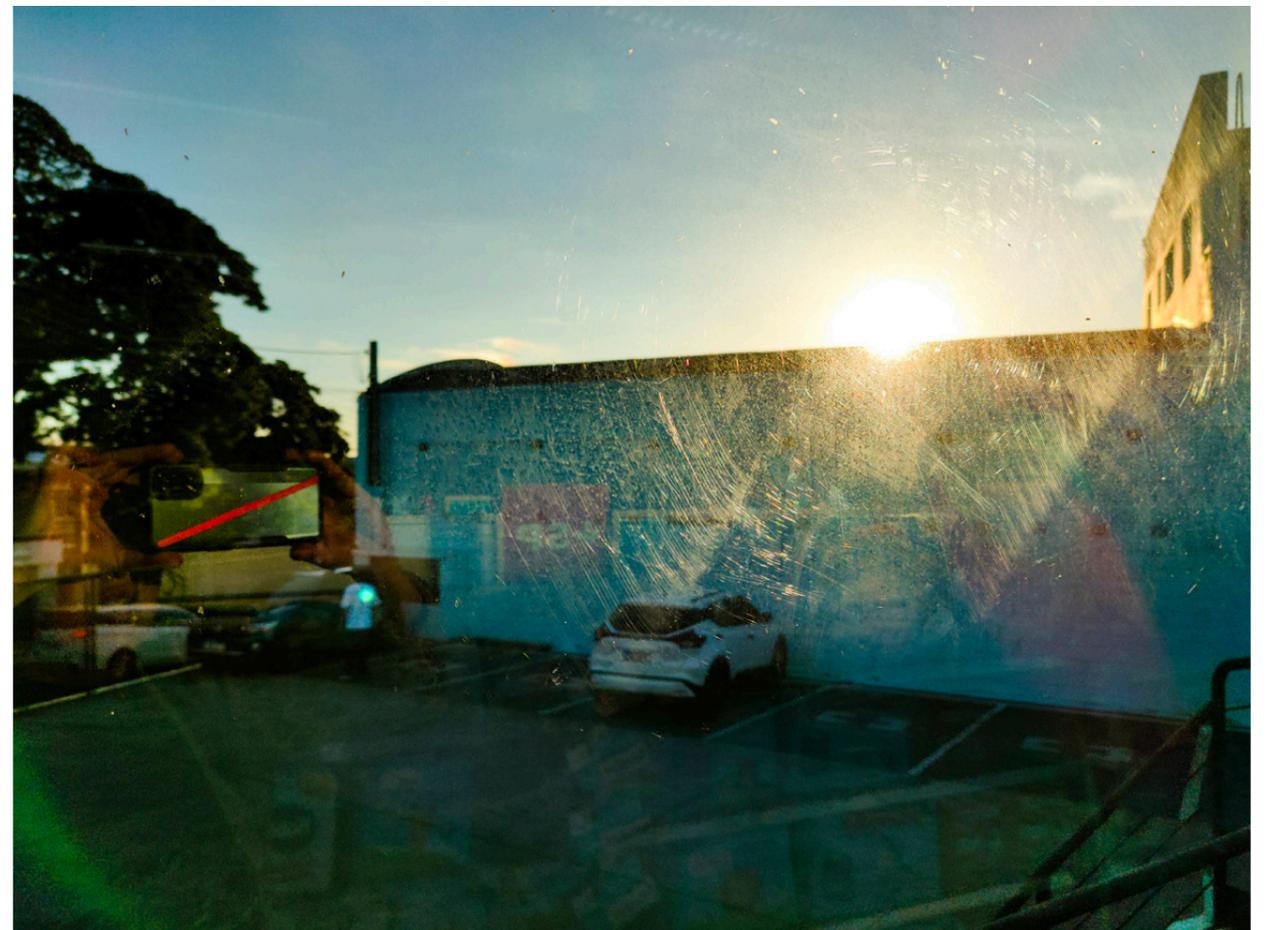
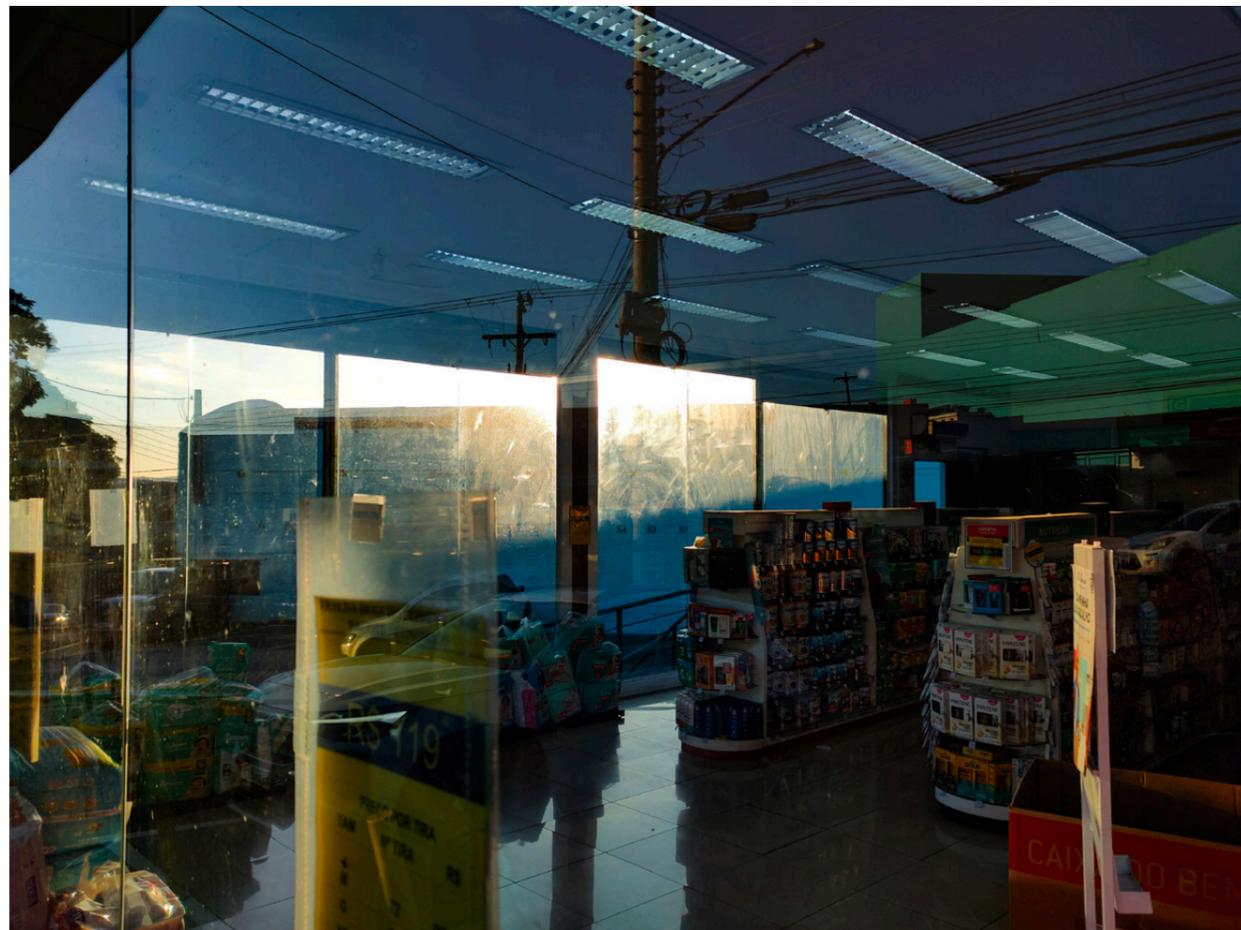
---

Vi relances de luzes e sombras refletidas na parte superior de um estabelecimento comercial a alguns passos de casa. Foi tão bonito e durou alguns segundos, entre os três passos que dava enquanto atravessava a rua, naquele domingo parado e alaranjado.

---

Bateu uma saudade das minhas férias e feriados em Lins/SP, aquela cidade de luz quente. Tudo quente. Onde eu ficava olhando o movimento da rua de um bairro periférico, sentada em um banquinho ao lado do vô Pedro. Um costume que não vejo com mais frequência, mas ainda é mantido nos verões das cidades do interior paulista.

Também que era com ele que eu caminhava longos trechos, e às vezes levava a câmera. Fazia alguns cliques. O mais legal, no entanto, era estar na companhia dele.



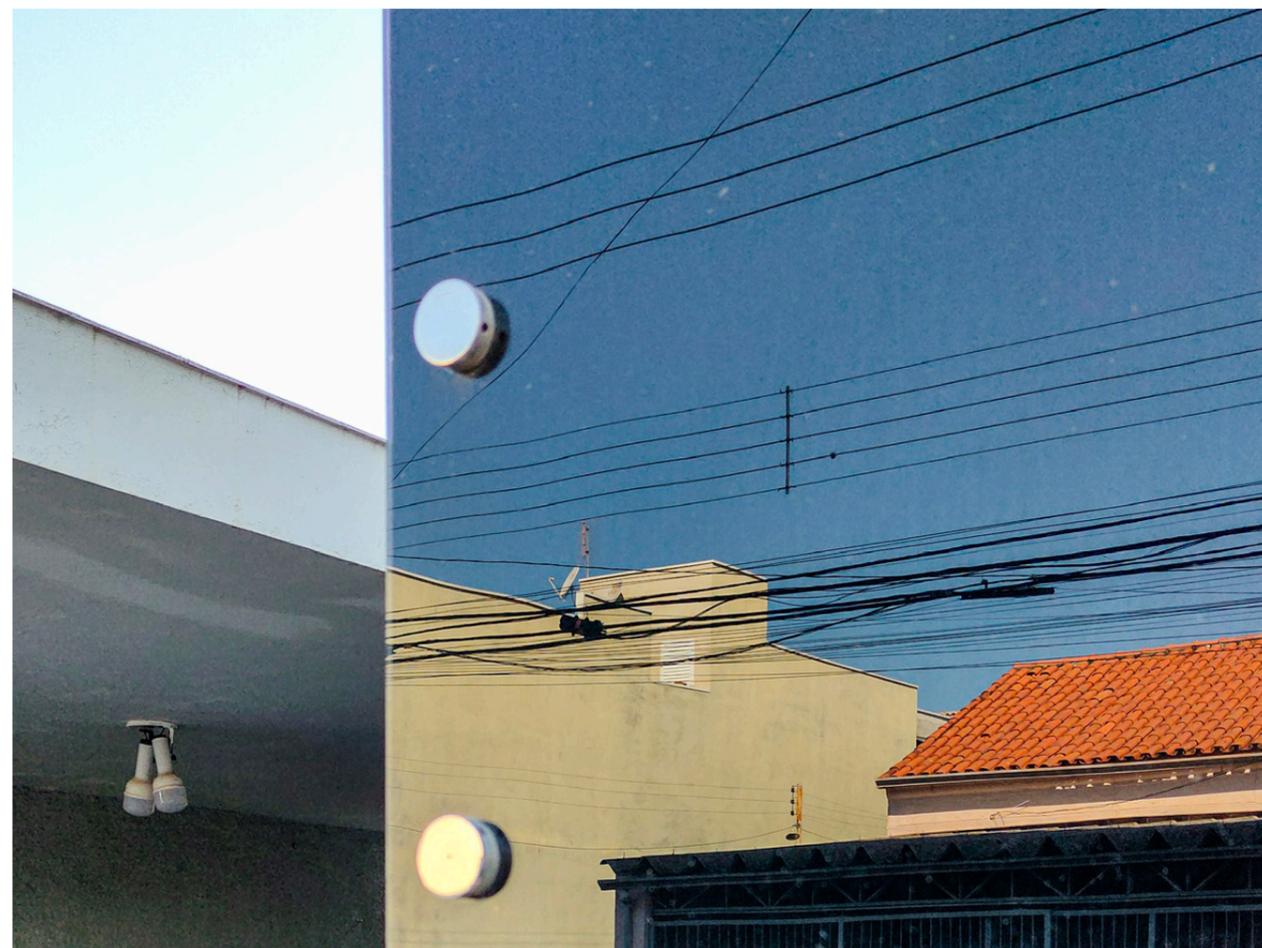


Aos poucos, consegui sair com a Clarice no sling e no bebê passeio.

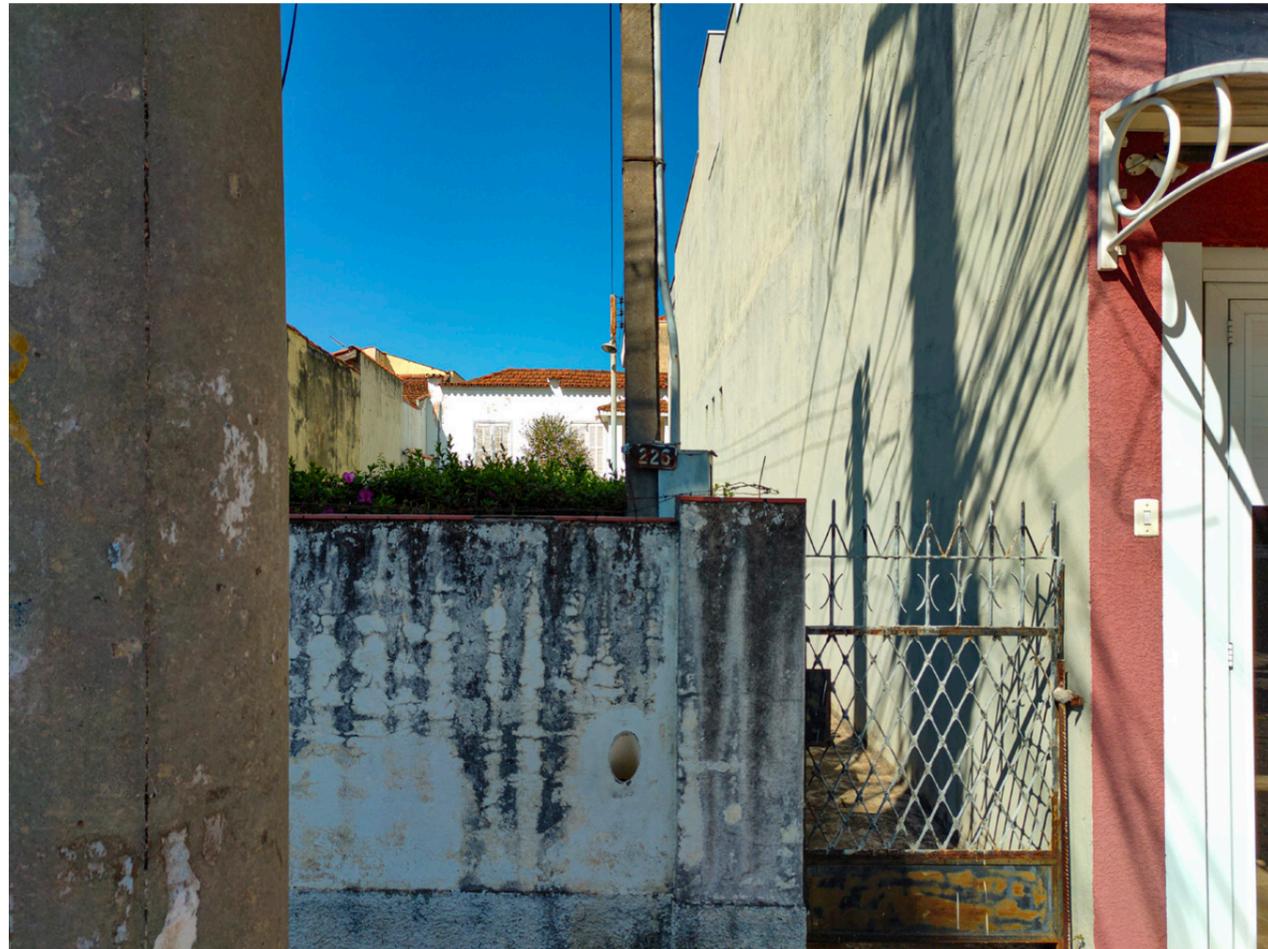
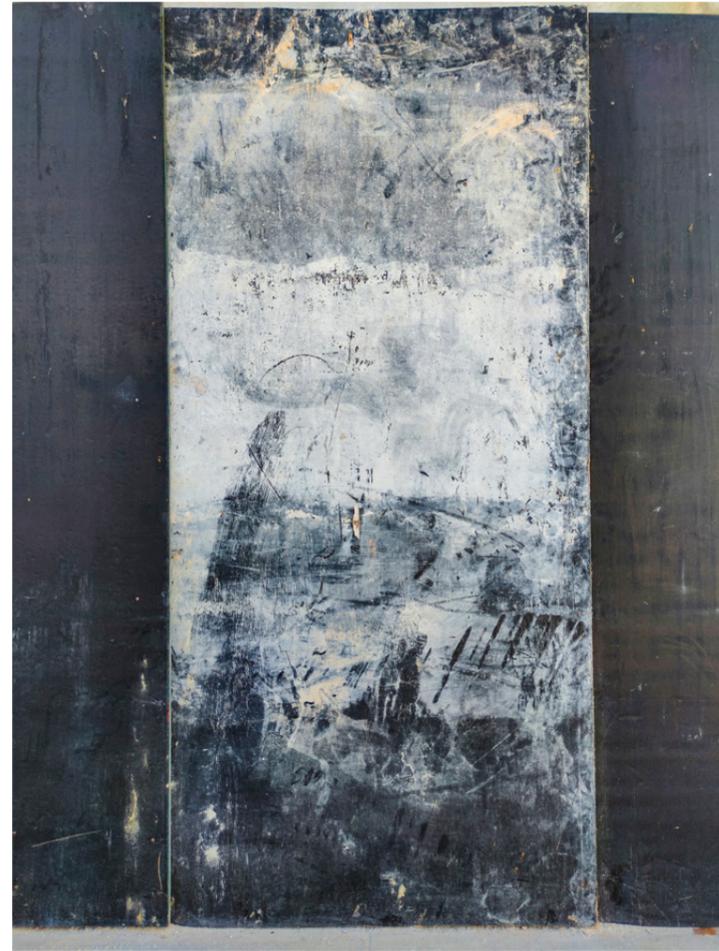
Por enquanto nosso mundo se limita ao bater perna aqui em nosso bairro.

Mesmo que eu não possa fotografar com o desprendimento — e expectativa — da não espera por nada de novo enquanto tudo se modifica, no passo dado entre a calçada e a sarjeta até o som ao longe de construções vindo abaixo e que, mais tarde, chegará na forma de poeira aos nossos lares, cobrindo de fina névoa os móveis e o chão, marcando meus passos pela casa...

Clarice dorme ao som de britadeira na calçada.







Tentei sair sozinha com ela no carrinho. Ela ficou séria durante todo o caminho de aproximadamente uma quadra e meia. No centro histórico, pensei que os paralelepípedos seriam os maiores empecilhos, mas na verdade, foram os desníveis da calçada e a rampa de acesso a cadeirantes e carrinhos de bebês em trechos íngremes.

Desviar em quatro rodas dos buracos das calçadas também foi algo que não havia sido calculado previamente... é mais fácil andar com a Clarice nos braços.

---

Espero um dia ter tranquilidade ao fazer uma foto. Será quando sentir que minha filha está segura, que a câmera ou o celular está na posição correta em uma ou nas duas mãos. Será quando nós três — eu, minha filha e a câmera — estivermos juntas, ao mesmo instante alinhadas e nos tornando uma coisa só.

---

Sempre andei meio rápido.

O ato de ver algo era o que me fazia desacelerar a caminhada. Parar e ver.

Com a Clarice, o ritmo está bem mais devagar. Agora o fotografar não é pela pausa do corpo para registrar algo, mas, muitas vezes está próximo de uma sensação de um filme que é montado quadro a quadro, passo a passo. Porque nem sempre haverá o momento da tomada daquele instante. Porque o lento contínuo da observação torna-se mais instigante e leve no fluir das passadas. No vasto mundo a ser descoberto em três, quatro quadras. Com uma companheira para quem tudo é novidade. Que tudo olha. Que a cada casa ou loja, descobre uma nova cor ou reflexo. Que olha para o céu e os fios dos postes. Que adora ver plantas. Que cheira as folhinhas do pé de hortelã da minipraça que teve uma árvore derrubada para se transformar em um pequeno estacionamento de três vagas para uma clínica...

---

Preferimos os caminhos com menos movimentação. Ela ainda está se acostumando com a visão e a estar com outras pessoas dentro ou não das carcaças de metal sobre rodas...

### Referências

BASHÔ, Matsuo. Trilhas longínquas de Oku. Tradução Meiko Shimon. Escrituras, 2016.

CARTIER-BRESSON, Henri. El instante decisivo. In FONTCUBERTA, Joan. Estética fotográfica. Barcelona: Blume, 1984. p. 188–201.

Clark, Lygia. Caminhando (Walking). 1963. Site do MoMA. In Macel, Christine Part 1: Lygia Clark: At the Border of Art. 2014. Disponível em: < <https://post.moma.org/part-1-lygia-clark-at-the-border-of-art/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOLNIT, Rebecca. A História do Caminhar. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes — selo Martins; 2016.

WOOLF, Virginia. O valor do riso e outros ensaios. Tradução e organização: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.





